



Ministério

Adventista

Janeiro-Fevereiro de 1968

Oração Para o Ano Novo

Nosso Pai, Tua providência que cuidou de nossos caminhos em ocasiões passadas ensinou-nos a confiar em Ti cada dia e em todas as circunstâncias. Ao iniciarmos um novo ano, oxalá seja renovada a nossa fé, reavivado o nosso amor e regenerado o nosso interesse.

Por intermédio de Teu Espírito, ensinanos as lições que precisamos aprender. Perdoa os deveres que negligenciamos no passado, as obrigações que deixamos de cumprir e as responsabilidades que olvidamos. Guia-nos com Tua mão segura, e ajuda-nos a seguir-Te sem hesitação. Concede-nos uma resolução mais elevada para fazer a Tua vontade, e mais profunda dedicação à Tua Causa.

Suplicamos-Te isto em nome de Cristo. Amém.

C. NEIL STRAIT

Ministro da Igreja do Nazareno,
Carmi, Illinois, Estados Unidos.





AINDA que eu falasse as línguas da erudição, e ainda que usasse métodos aprovados de educação, e deixasse de ganhar para Cristo os meus alunos, ou de edificá-los no caráter cristão, seria como o gemido do vento num deserto sírio.

O

Maior

Dêstes

é o

Evangelismo

Uma Paráfrase de I Coríntios 13

MELVIN K. ECKENROTH

Diretor do Departamento de Religião do
Colégio União da Colúmbia

Ainda que tivesse o dom de profecia e conhecesse todos os mistérios, e pudesse dominar grandes forças de argumentação e superar todos os que ousassem discutir comigo, e não os ganhasse para Cristo, seria realmente como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine.

Ainda que possuísse a melhor perícia de ensinar e conhecesse todos os mistérios da psicologia religiosa, e tivesse todo o conhecimento bíblico, e não me empenhasse na tarefa de ganhar outros para Cristo, seria como a névoa em pleno oceano.

E ainda que eu lesse todos os comunicados da Associação e as lições da Escola Sabatina, e ainda que alcançasse os alvos da campanha da Recolta e pagasse fielmente o dízimo, e ainda que freqüentasse os concílios ministeriais e assistisse às reuniões campais, e me satisfizesse com coisas que não fôssem ganhar para Cristo os pecadores e firmar as almas no caráter e no serviço cristão, nada disso me aproveitaria.

O professor, pregador e obreiro ganhador de almas, de qualquer região, é paciente e benigno, e se regozija unicamente na disseminação das palavras da verdade salvadora; não inveja os demais que estão isentos da tarefa de ensinar, e em situação humilde; não se ensoberbece de alguma grande posição de autoridade, nem se orgulha de sua capacidade intelectual.

O ganhador de almas não se porta com indecência entre os sábados, não busca o seu próprio conforto, não se irrita facilmente, nem se alegra com as más informações a respeito de seus irmãos; suporta tôdas as coisas, crê tudo o que os irmãos garantem e espera que tôdas as coisas dêem certo.

Agora, pois, permanecem o conhecimento, os métodos e o evangelismo, êstes três, porém o maior dêstes é o evangelismo.





EDITORIAL

Métodos Novos para

Uma Nova Jornada

ENOCH DE OLIVEIRA

QUANDO este número de "O Ministério Adventista" estiver circulando, estaremos no limiar de um novo ano com as suas surpresas e oportunidades. O leitor já terá formulado as resoluções e planos para esta nova jornada e, por isso mesmo, este Editorial parecerá extemporâneo e desnecessário. Sem embargo nos permitimos suscitar algumas interrogantes: Quais os lucros e perdas verificados em nossa experiência como colaboradores de Deus, neste agitado ano agora imerso nas sombras do passado? Quantas almas contritas foram conduzidas à cruz de Cristo mediante a nossa exortação ou pelo testemunho de nosso exemplo? Quantos irmãos débeis e vacilantes na jornada da fé, receberam através de nossa exortação o entusiasmo necessário para percorrer mais corajosamente o caminho da vida? Quantos corações esmagados pela dor — física ou moral — receberam através de nosso ministério, o suavizante bálsamo de Gileade?

É bem possível que nesta verificação de lucros e perdas nos apercebamos de erros cometidos, uns por ação, outros tantos por omissão. Haveremos, porém, de desanimar-nos? Não. Aproveitemos as lições dos erros e fracassos do passado, e estabeleçamos novos métodos de trabalho e audazes planos de ação para o ano de 1968.

Nos primeiros meses de 1940, muitos generais britânicos insistiam em repetir, sem modificações, as táticas usadas na Primeira Guerra Mundial e, por essa razão, sofreram sucessivas derrotas e humilhantes reverses, frente a um adversário que aplicava métodos e planos bélicos completamente novos. Entretanto, alguns generais que integravam o alto comando aliado decidiram adaptar-se às novas táticas do inimigo e, deste modo, lograram mudar a corrente da História.

Muitas vezes nas batalhas do evangelismo somos tentados a seguir empregando os métodos obsoletos e rotineiros, sem deter-nos para ver se estão produzindo os resultados que anelamos.

A Sr.^a White em um artigo publicado na Review and Herald (30 de setembro de 1902), escreveu:

"Novos métodos precisam ser introduzidos. O povo de Deus tem que despertar para as necessidades da época em que vive. Deus tem homens que Ele chamará para o Seu serviço — homens que não farão o trabalho na maneira destituída de vida com que tem sido conduzido no passado."

Obreiros há que militaram na Seara do Senhor durante o ano de 1967, sem um método racional de trabalho, sem um organizado plano de ação. Não poderíamos cifrá-los como ociosos, pois eles estiveram sempre ocupados. Entretanto, apresentaram resultados escassos e limitados. "Demorando-se nos assuntos menos importantes, acham-se apressados, perplexos e confusos quando chamados a cumprir os deveres mais importantes. Estão sempre fazendo e, pensam, trabalhando arduamente; todavia pouco têm a apresentar por seus esforços." — Evangelismo, pág. 649.

Com efeito, uma das razões que determinam o fracasso na obra ministerial é a ausência de um plano definido e um inteligente método de trabalho.

Nenhum ano já apresentou maiores possibilidades para o evangelismo, que o ano que agora desponta. Iniciemo-lo mantendo a iniciativa na batalha, com as armas espirituais e o equipamento evangelístico de que dispomos, sempre atentos diante das novas táticas do inimigo. Reexaminemos os nossos métodos tendo em vista substituir os que perderam a sua efetividade, por outros mais eficazes.

O novo ano exige ritmo mais acelerado de trabalho, mais espírito de oração e maior consagração à causa do Evangelismo. Quanto mais áspero for o caminho, e maiores os obstáculos levantados pelo adversário, tanto maior será a necessidade de uma consagração pessoal mais profunda e de maior dedicação à obra em favor daqueles que, perdidos nos labirintos da vida, vivem sem Cristo, e sem esperança.

Sim, 1968 oferece as mais brilhantes possibilidades para um evangelismo vitorioso. Não proporá cada obreiro para si o alvo de fazer para Cristo maiores coisas que no passado?



Penetração

N. R. DOWER

Secretário do Depto. Ministerial da Associação Geral



“ASSIM como o Pai Me enviou, Eu também vos envio.” S. João 20:21. Estas vibrantes palavras de desafio sempre têm estado na mente do verdadeiro mensageiro de Cristo. Os discípulos aceitaram-nas de maneira tão literal que pregaram a palavra por toda parte, e o Senhor acrescentava diariamente à igreja os que iam sendo salvos. Esta é ainda a grande missão da igreja, e cumpri-la com urgência e amor é a principal preocupação do ministro evangélico.

A palavra *penetração* está sendo usada com muita frequência nos círculos evangélicos e em diversos outros setores de atividade. Ela representa a arremetida em atendimento à ordem do Senhor para proclamar em toda parte, e a cada nação, língua e povo, o glorioso evangelho da salvação, que constitui a maior necessidade do mundo hoje em dia.

Apesar dos Obstáculos

No encerramento do Congresso de Evangelismo, em Berlim, num ato simbólico de penetração, mais de 1.250 delegados e observadores, com bandeiras desfraldadas, saíram marchando do salão do congresso, decididos a ir ao mundo todo com a história da graça salvadora nesta geração. Partiram cientes das enormes desigualdades que enfrentam; partiram atentos às barreiras, muralhas e cortinas que foram erguidas como obstáculos para o avanço conquistador do evangelho. Partiram com a promessa do Salvador soando-lhes nos ouvidos: “Eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos.”

Deus não prometeu que o caminho será fácil, mas sim que teremos êxito. “Toda arma forjada contra ti” — ofensiva ou defensiva — “não

prosperará.” Isa. 54:17. É a Palavra de Deus que o diz, e precisamos crer nisto. Nosso dever é transmitir as boas-novas. O próprio Deus assumiu a responsabilidade por nosso êxito.

O repto à igreja remanescente é ir pois a toda parte e penetrar. Não meramente de maneira simbólica, mas literalmente. Devemos penetrar as grandes cidades em que têm sido erigidas inúmeras barreiras. Temos de transpor essas barreiras, inclusive as fortalezas de concreto dos grandes prédios de apartamentos em que milhares e milhares de pessoas vivem em temor e desespero. Devemos procurar todos os meios e instrumentos disponíveis para transmitir a mensagem aos que jazem nas trevas e na sombra da morte. Precisamos descobrir melhores métodos e instrumentos mais aguçados para que ninguém, seja qual for sua condição ou atitude, fique fora do alcance de nossa penetração. Temos de usar o púlpito, o contato pessoal, o rádio, a televisão, os jornais, as revistas e o telefone.

Responsáveis Pelo Mundo

Devemos penetrar as regiões obscuras e as cidades e vilas ao redor do mundo todo, que ainda não foram alcançadas. Milhões de pessoas vivem em territórios onde nunca foi pregada a mensagem adventista e onde jamais brilhou a luz desta derradeira mensagem de misericórdia. Esta é a responsabilidade de cada ministro, organização, instituição e membro de igreja em toda parte. Nossa tarefa consiste não somente de nosso pequeno setor de atividade, mas de todas as partes do mundo.

Precisamos transpor as barreiras da indiferença, egoísmo e preconceito (real e imaginário) que dividem o mundo e servem de abrigo para tantas pessoas cheias de temor e incerteza. Devemos penetrar com esta verdade salvadora os domínios das grandes instituições educacio-

nais do mundo. Devemos penetrar a filosofia ateísta proclamada por filósofos ateus. Precisamos abrir caminho até os milhões de jovens que são espiritualmente ignorantes e rebeldes, e que permanecerão assim a menos que lhes transmitamos as boas-novas.

Alcançar os Hospitalizados

Temos de penetrar os gigantescos estabelecimentos médicos. Ali as pessoas sofrem e morrem, sem que a luz do evangelho alcance os corações entenebrecidos da maioria. Para enfrentar este desafio, para transpor esta barreira, necessitamos de consagrados e diligentes obreiros médicos de todas as categorias, a fim de que partilhem a fé e dissipem as trevas.

Temos de penetrar além das paredes das instituições penais. Encontra-se ali um tipo de pessoas cuja amargura e revolta estigmatizou-as como indivíduos desprezíveis e desamáveis. É necessário levar-lhes a mensagem para que sintam o fulgor da esperança e verdade.

Transpor Barreiras de Condescendência Própria

Precisamos transpor as barreiras de condescendência própria e materialismo que se mostram tão evidentes em nossa sociedade opulenta. “Temos tudo o que precisamos — que necessidade há de Cristo?” Devemos trabalhar até mesmo em favor destas pessoas, e com simpatia e compreensão procurar tornar-lhes o evangelho tão desejável e atraente que até os enfatuados anemem possuir a pérola de grande preço.

Temos de transpor a frieza de nosso formalismo destituído de Cristo. Precisamos revelar-lhes que ter aparência de piedade mas negar-lhe a eficácia significa tornar-se a pessoa mais infeliz que possa haver. Compete-nos vencer este mal com um amor que afaste toda indiferença, toda empedernida condescendência própria.

Devemos transpor a mornidão da igreja remanescente e induzir nosso querido povo a fazer o que é recomendado em Apocalipse 3:18: “Aconselho-te que de Mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os teus olhos, a fim de que vejas.”

Precisamos transpor a barreira da justiça própria que caracteriza nosso serviço egoísta. Devemos deixar de pensar no que iremos obter e preocupar-nos mais com o que podemos fazer para que outros sejam abençoados com o testemunho de nossa vida semelhante à de Cristo.

Combater o Fogo com Fogo

Compete-nos transpor as barreiras da insipidez e letargia que tantas vezes caracterizam nos-

so testemunho no púlpito e fora dele. Não é pecado ficar excitados e entusiasmados ao procurarmos despertar as pessoas para sua urgente necessidade. Golpear um pouco o púlpito à moda antiga, erguer a voz e falar com força poderá convencer as pessoas de que estamos muitíssimo impressionados com a urgência da mensagem que transmitimos e com a salvação de almas. Discursos monótonos e sem vida não têm lugar nesta época em que o mundo todo está mergulhado em chamas. Para podermos livrar alguns da destruição inevitável, temos de arrojá-los através dessas barreiras de fogo, e dominar com fogo sagrado o fogo que consome espiritualmente.

Nem a Décima Parte

Enfrentamos um mundo em extrema necessidade. Deparamos com explosões de toda espécie, das quais a explosão populacional não é a menos significativa. É impressionante saber que o crescimento total da igreja cristã não atinge a décima parte do aumento da população mundial. Vivemos num tempo em que a egolatria está rapidamente substituindo a adoração de Deus. Isto se verifica nos países que se dizem cristãos. E pensemos também no desafio que nos é lançado pelos países pagãos!

Mais Ex-Membros do que Membros

Enfrentamos uma igreja em desesperada necessidade de reavivamento e reforma — uma igreja que pensa ser rica e abastada e não precisar de coisa alguma. No entanto, muitos, talvez a maioria, não estão preparados para a vinda do Senhor, e por certo se perderão, a menos que ocorram em breve algumas modificações. As apostasias em nosso meio são alarmantes. Em muitas de nossas grandes cidades há mais ex-membros do que membros adventistas.

Para enfrentar esses desafios no mundo e na igreja, temos bela mensagem de esperança e salvação. Nossa mensagem é duradoura e oportuna, e apela ao coração e à vida. Nunca precisaremos modificar nossa mensagem. Não temos necessidade de mensagens modificadas, mas de homens transformados para proclamá-la — homens cheios do Espírito Santo, que estejam dispostos a levar cativo todo pensamento e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus. “Porque as armas que empunhamos não são meramente humanas, mas divinamente poderosas para destruir fortalezas; aniquilamos sofismas e tudo o que levanta a cabeça altiva contra o conhecimento de Deus; obrigamos todo pensamento humano a submeter-se em obediência a Cristo.” II Cor. 10:4-6 — *The New English Bible*. Temos portanto o dever de proporcionar ao mundo plena compreensão do tem-

plo da verdade em que todos os que quiserem poderão encontrar auxílio e segurança.

A Barreira do Pecado

Hoje em dia, em tôdas as partes do mundo deparamos com barreiras que tendem a dividir-nos — barreiras de raça, côr e posição social; mas a maior parede de separação é o pecado. Esta barreira tem de ser transposta para que os filhos de Deus em tôda parte não mais continuem separados. Famílias têm de reconciliar-se, lares precisam ser restabelecidos, igrejas devem ser reconstruídas para que a nação justa que observa a verdade possa reunir-se no reino do amado Filho de Deus.

Recinto de Lágrimas

Um grande muro conhecido ao redor do mundo todo separa Berlim Oriental de Berlim Ocidental. Este muro divide uma cidade, separando lares, parentes e queridos. Existe neste muro um local conhecido como Recinto de Lágrimas. Certas pessoas comparecem ali diversas vêzes, esperando avistar os queridos de que o muro os separou. Com grande ansiedade e diligência procuram algum rosto querido e familiar. Quando afinal o avistam, acenam com a mão um para o outro e choram. Não lhes é

permitida outra comunicação além dessa. Permanecem apenas em pé ali, acenam e choram. É uma ocasião angustiosa para todos, que foi causada por um muro — um muro que nunca precisava ter sido construído.

Chegará um tempo, prezados obreiros, em que mais uma vez haverá um grande muro de separação. Dum lado estarão as multidões de perdidos, e do outro, o grupo dos remidos. Queridos procurarão ansiosamente uns pelos outros, e avistar-se-ão. Acenarão dum lado para outro, e haverá muitas lágrimas. Que nenhuma família seja dividida por êsse muro devido a haveremos deixado de fazer o máximo que estava ao nosso alcance para transmitir-lhes as boas-novas de salvação!

Oxalá Deus ajude a todos nós no pouco tempo que resta para disseminar a verdade, demolindo paredes, barreiras e cortinas divisórias, e proclamando com todo o fervor e urgência as alvissareiras novas de salvação e a vinda do Senhor. Penetremos em tôda parte até que o mundo seja inundado pela glória do Senhor como as águas cobrem o mar.

"Assim como o Pai Me enviou, Eu também vos envio." Atravessemos tôda fortaleza e baluarte que o diabo erigiu, para que a obra seja terminada rapidamente e Jesus venha em breve.

O Cantágio da Disposição Animosa

JESUS "não era um austero desmancha-prazeres. Êle gostava de participar do ditoso regozijo duma festa nupcial. Há algumas pessoas religiosas que lançam sombras aonde quer que vão. Há indivíduos que têm receio de tôda alegria e contentamento. Para êles a religião consiste em trajas escuros, falar em voz baixa e na eliminação de todo companheirismo social. Baixam como mortalha sôbre todo lugar a que se dirigem. Disse um dos alunos da notável professora Alice Freman Palmer: 'Ela me fazia sentir como se estivesse inundado pela luz solar.' Jesus era assim.

"No livro *Lectures to My Students*, C. H. Spurgeon deixou algumas advertências judiciosas: 'Maneiras sepulcrais podem habilitar alguém para ser empresário fúnebre, mas Lázaro não é tirado da sepultura por lamentos abafados.' 'Conheço irmãos que da cabeça aos pés, na maneira de trajar-se, no tom da voz, no procedimento . . . , são tão afetados que não deixam transparecer nem um pouquinho de virilidade. . . . Alguns homens parecem ter uma gravata branca enrolada em volta da alma, e sua virilidade é estrangulada por êsse farrapo engomado.' 'Seria melhor que o indivíduo que não possui cordialidade ao redor de si fôsse um empresário fúnebre e sepultasse os mortos, pois nunca será bem sucedido em influenciar os vivos.' 'Recomendo a disposição prazenteira a todos os que querem conquistar almas; não levandade ou frivolidade, mas um espírito alegre e feliz. As mōscas apanham-se com mel e não com fel, e mais almas serão conduzidas ao Céu pelo indivíduo que reflete o Céu no semblante, do que por aquêle que dá ao rosto a aparência de inferno.' — Guilherme Barclay, *The Gospel of John*, Vol. 1, pág. 85.

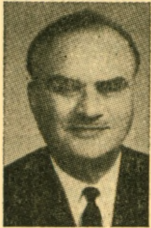
"Ao passar por vilas e cidades, [Jesus] era como uma corrente vivificadora difundindo vida e alegria.

"Podemos andar bem dispostos. Deus não quer nenhuma fisionomia triste nesse terreno; não quer ninguém em melancolia e tristeza; quer que levantéis o rosto para Êle e deixeis que nêle derrame a luz do Sol da justiça." — Ellen G. White, *Evangelismo*, págs. 487 e 488.

Nossa Tarefa Fundamental

TEODORO CARCICH

Vice-Presidente da Associação Geral



O EVANGELISMO é a tarefa fundamental da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Sempre e por toda parte devemos proclamar o evangelho eterno, dando ênfase especial à soberania de Deus, ao juízo e ao convite para adorar o Criador.

Essa tarefa exige mobilização total. Abrange cada congregação, Associação, departamento, instituição e membro individual. Fortalecida pela solene convicção de que os que morrem em seus pecados, sem Cristo, estão perdidos, a igreja mobilizada deve apressar-se em proclamar a graça redentora de Deus antes que eles pereçam na Terra.

Usar Todo Método Eficaz

Deve ser usado todo método, antigo ou recente, que transmita eficazmente o evangelho. Quando um método não surte efeito, deve-se experimentar outro. Em especial, os ministérios da página impressa, do rádio, da televisão, da medicina, da instrução em questões de saúde, da beneficência social, da Escola Sabatina, da educação cristã, e das atividades missionárias dos adultos e dos jovens, precisam unir-se uns aos outros para auxiliar eficazmente o ministro na tarefa evangelística. Todas as pessoas da igreja — cultas e incultas, ricas e pobres, jovens e idosas, homens e mulheres, ministros e leigos — são convidadas a apoiar a incumbência divina de Apocalipse 14:6-12.

Esta comissão abrange o mundo todo. Não pode ser omitida nenhuma nação, tribo, língua ou povo. O custo e os perigos envolvidos são incalculáveis, mas a comissão divina continua a ser a mesma. O tempo prossegue e se esgota inexoravelmente. Os campos estão maduros e prontos para a ceifa. Multidões, multidões encontram-se no vale da decisão; vivendo e morrendo sem um conhecimento salvador de Cristo. Diante da sentença apocalíptica que pende sobre nós e do breve fechamento da porta da graça, não é tempo de os ministros adventistas do sétimo dia estarem observando o céu, acalentando dissensões, defendendo teorias ou nutrimo preferências pessoais. Somos convidados real-

mente a cerrar fileiras numa vigorosa e contínua arremetida evangelística até que nosso bendito Senhor regresse em glória. Com toda a certeza, pertence-nos a tarefa e também a vitória.

Não Há Tempo Para Crítica

Para que não sejam mal-interpretadas as palavras de um frágil ser humano, consideremos o que a serva do Senhor disse a êsse respeito:

“O Senhor vive e reina. Logo Ele Se erguerá em majestade, para abalar terrivelmente a Terra. Uma mensagem especial deve agora ser proclamada — mensagem que penetrará as trevas espirituais e convencerá e converterá almas. ‘Escapa-te por tua vida,’ é o apêlo a ser feito aos que se demoram no pecado. Devemos agora tomar muitíssimo a sério o caso. Não temos um momento a passar em críticas e acusações. Que os que isso têm feito no passado, se prostrem de joelhos em oração, e que reparem como estão pondo suas palavras e planos em lugar das palavras e planos de Deus.” — *Test. Seletos*, Vol. 1, pág. 493.

“Não temos tempo para preocupar-nos com assuntos destituídos de importância. Nosso tempo deve ser empregado na proclamação da última mensagem de misericórdia para um mundo culpado. São necessários homens que avancem sob a inspiração do Espírito de Deus. Os sermões pregados por alguns dos nossos ministros terão que ser muito mais vigorosos do que o são agora, senão muitos relapsos serão portavozes duma mensagem insípida, sem substância, que provoca o sono. Cada discurso deve ser feito tendo em vista os terríveis juízos que logo cairão sobre o mundo. A mensagem da verdade deve ser proclamada por lábios tocados pela brasa viva do altar divino. . . .

Os ministros estão dormentes; estão-no também os membros da igreja; e um mundo perece em pecado. Queira Deus ajudar o Seu povo a despertar, e andar, e trabalhar como homens e mulheres que estão nas fronteiras dum mundo eterno. Logo uma surpresa terrível sobrevirá aos habitantes do mundo. Imprevistamente, com poder e grande glória, Cristo virá. Não haverá, então, tempo de preparo para encontrá-Lo. Agora é o tempo de proclamarmos a mensagem de advertência.” — *Test. Seletos*, Vol. 3, pág. 220.



EM 1965 o Concílio Ecumênico publicou uma declaração incentivando os católicos a estudar a Bíblia. 1966 foi proclamado "O Ano da Bíblia" pela Sociedade Bíblica Americana, na celebração de seu 150.º aniversário. Muitas autoridades, inclusive os governadores de diversos Estados, fizeram declarações públicas incentivando as pessoas deste país a ler e estudar as Escrituras. Esse reconhecimento da necessidade de estudar as Escrituras é uma áurea oportunidade para os adventistas do sétimo dia levarem a Bíblia a seus vizinhos e amigos, e instarem com eles para que tomem conhecimento do plano de Deus para sua vida.

Portas que se Abrem de Par em Par

A exposição que segue poderá cumprir-se literalmente se aproveitarmos a oportunidade suscitada por estas duas proclamações:

"Em visões da noite passaram perante mim

nossas doutrinas fundamentais. Breve introdução é seguida pelo sistema de ensino por meio de perguntas e respostas. A Bíblia é emprestada ao aluno com a explicação de que poderá ficar com ela quando completar as 24 lições. Cada uma das perguntas das lições é respondida por um texto que o aluno encontrará com facilidade na Bíblia. Há aproximadamente 12 a 15 perguntas, seguidas por breve sumário e um apêlo que poderá ser respondido pelo aluno, se ele o desejar fazer.

Vinte e Uma Lições Numa Semana!

É impressionante o entusiasmo com que as lições têm sido recebidas tanto por parte dos leigos que as entregam como dos alunos que as estudam. Milhares de membros de nossa igreja têm encontrado genuíno prazer em auxiliar outras pessoas a obter nova compreensão da Palavra de Deus. Muitos alunos têm afirmado que a Bíblia se tornou um livro nôvo para eles desde que começaram a usar este método simples de estudo. Algumas das conversões mais sensacionais que testemunhamos ocorreram em co-

Alcançando as Multidões

DON GRAY

Evangelista na Associação Sudeste da Califórnia

representações dum grande movimento reformatório entre o povo de Deus. Muitos estavam louvando a Deus. Os enfermos eram curados, e outros milagres eram operados. Viu-se um espírito de intercessão tal como se manifestou antes do grande dia de Pentecostes. Viam-se centenas e milhares visitando famílias e abrindo perante elas a Palavra de Deus. Os corações eram convencidos pelo poder do Espírito Santo, e manifestava-se um espírito de genuína conversão. Portas se abriam por toda parte para a proclamação da verdade. O mundo parecia iluminado pela influência celestial. Grandes bênçãos eram recebidas pelo fiel e humilde povo de Deus." — *Test. Seletos*, Vol. 3, pág. 345.

Um nôvo sistema para estimular nossos amigos não adventistas a estudar nossa mensagem tem sido desenvolvido durante os últimos anos na Associação Sudeste da Califórnia. Usando uma coleção de lições, chamada "A Bíblia Fala," e uma Bíblia de Amizade, milhares de alunos começaram a estudar a terceira mensagem angélica. A coleção citada acima contém 24 lições simples e concisas, abrangendo a maioria de

nexão com o estudo destas lições. Uma senhora estudou 21 lições numa semana, por sugestão de sua mãe. Ao completar as lições, ela assistiu a uma reunião evangelística, e uma semana depois estava pedindo o batismo. Quando perguntaram a uma senhora que era membro da Igreja de Cristo e estudava as lições, o que achava desses estudos, disse ela: "O que aprecio nestas lições é não estudar doutrina, mas a Bíblia e unicamente a Bíblia."

O fato de que o aluno encontra as respostas na Bíblia parece eliminar completamente o preconceito que tantas vezes se manifesta naqueles que estudam os nossos cursos por correspondência, em que os textos são impressos na própria lição. O aluno fica familiarizado com a Bíblia ao estudar sistematicamente as lições.

Levar a Palavra a Todos os Lares

Aconselha a pena inspirada: "Pode-se fazer uma grande obra apresentando ao povo a Bíblia justamente como ela reza. *Levai a Palavra de Deus à porta de todo homem*, insisti em suas

positivas declarações junto da consciência de todo homem, repeti a todos a ordem do Salvador: 'Examinai as Escrituras.' *Admoestai-os a tomar a Bíblia tal como é*, a suplicar iluminação divina, e então, ao brilhar a luz, a receber de boa vontade cada um de seus preciosos raios, suportando destemidamente as conseqüências." — *Evangelismo*, pág. 434. (Grifo nosso.)

Este plano se alastrou pelos Estados Unidos a ponto de haver mais de 50.000 alunos estudando a Bíblia desta maneira. O entusiasmo demonstrado pelos alunos ao pegarem a Bíblia e acharem rapidamente as respostas às perguntas, tem operado milagres no sentido de conservar o interesse dos membros em entregar as lições semana após semana.

Pormenores Sobre o Funcionamento do Plano

Usando a Bíblia de Amizade, alguém inscreve o aluno. Isto pode ser feito pelo membro que entregará as outras lições, por um colportor, pelo capelão de um de nossos hospitais, por um médico, ou por um ministro. A Bíblia e as duas primeiras lições são deixadas com o aluno, esclarecendo-se que a Bíblia lhe será dada gratuitamente quando ele completar as 24 lições. Faz-se breve explicação sobre a Bíblia e as lições. É necessário mostrar-lhe que "N. T." significa que a passagem se encontra no Novo Testamento, e que "V. T." antes do número da página indica que os textos se acham no Velho Testamento. Foi preparada uma fôlha explicativa que é entregue com as duas primeiras lições. Menciona-se ao aluno que cada semana alguém virá buscar as duas lições completadas e deixar duas lições novas. É estabelecido um programa que seja conveniente para o aluno e para aquele que entrega as lições. Foi preparado um formulário especial em que o visitador regista as impressões do aluno à medida que fôr prosseguindo. Três vezes durante o período em que as lições estão sendo estudadas, o membro envia um relatório ao pastor, mantendo-o informado, e também procura seu auxílio quando fôr necessário.

Uma fôlha de instrução também é entregue ao visitador, a qual apresenta sugestões referentes a como ele poderá sondar o aluno e descobrir o que ele sente a respeito daquilo que estudou. Logo se forma um laço de amizade entre o aluno e o visitador, e quando forem realizadas reuniões ou fôr feito um convite para assistir aos cultos da igreja, o aluno terá um amigo e instrutor com o qual poderá assistir às reuniões.

Fazendo a Colheita

O programa tem estado em uso há apenas nove meses até o momento de escrevermos este artigo, mas os resultados começam a aparecer.

Fatos Impressionantes

1. Jovens de 15 anos de idade cometem mais crimes graves de que qualquer outro grupo.
 2. Um rapaz de cada seis é encaminhado aos tribunais.
 3. Em 1965, mais de dois milhões de norte-americanos foram presos ou colocados sob vigiância.
 4. Cerca de 40% de tôdas as crianças do sexo masculino serão presas algum dia na vida por algo mais grave do que a violação das leis do trânsito.
 5. 91% dos norte-americanos admitiram que cometeram delitos pelos quais podiam ter sido condenados à prisão. — *The Ministry*, junho de 1967.
-

Um pastor informa que 35 pessoas foram conquistadas desta forma. Outro afirma que 27 foram batizados em resultado destas lições. Dois colportores que trabalham juntos citam o batismo de 24 pessoas que se inscreveram neste plano durante os últimos nove meses. O secretário de publicações diz ser este o maior plano que já foi elaborado para conquistar almas através da colportagem.

Certo pastor declara ter uma queixa a apresentar contra o plano: "Contamos com tanto interesse que talvez não nos seja possível secundá-lo todo." Uma das partes singulares deste plano é a maneira em que o aluno inscreverá por sua vez os parentes e amigos. Certo aluno que foi batizado incluiu seis outras famílias nos estudos, e tôdas elas estão aguardando o próximo batismo. Outro individuo que experimentou miraculosa conversão por influência do Espírito Santo, incentivou os membros de cinco famílias a aceitar o Senhor através deste plano de estudo. Um de nossos evangelistas, que usou estas lições em conexão com suas conferências, está informado de que em 1965 mais de 200 pessoas se uniram a nossas igrejas nessa região, como resultado das lições e do reforço prestado pela equipe evangelística.

Atualmente fazem-se planos para usar todos os departamentos de nossa obra para despertar interesse no estudo da Bíblia desta maneira. Cremos que dentro em breve os contatos feitos por nossa obra médica, pelos colportores evangelistas e pela obra da Recolta de donativos proporcionarão todo o número de interessados que nos será possível atender.

“Busquei ... um Homem”

N. R. DOWER

Secretário do Depto. Ministerial da Associação Geral

DE capital importância para a proclamação do evangelho eterno é o pregador vivo. Outros ocupam seu devido lugar nesta grande obra. Por todos os meios imagináveis e em tôdas as ocasiões deve ser transmitida a mensagem da volta de Cristo e de Sua graça salvadora. Para concluirmos nossa obra em tempo, têm de ser usados todos os métodos de comunicação e todos os meios de permuta de pensamento. Mas atrás de tôdas estas coisas é preciso haver um homem vivo, amoroso e cheio de fervor. Anos atrás, quando a mensageira do Senhor afirmou que “a maior necessidade do mundo é a de homens,” ela estava apenas expressando algo muito evidente, mas existe o perigo de que isto seja olvidado nesta época de inventos, satélites e computadores eletrônicos, até mesmo por nós que temos a obrigação de pregar o evangelho a “cada nação, e tribo, e língua e povo.” Não é de objetos que Deus precisa, mas de homens!

“Mas a Ninguém Achei”

“Busquei entre eles um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha perante Mim a favor desta terra, para que Eu não a destruísse; mas a ninguém achei.” Ezeq. 22:30. Isto deve ter sido uma grande decepção para Deus, e os resultados foram tão trágicos que quase se tornaram indescritíveis. “Por isso Eu derramei sôbre eles a Minha indignação, com o fogo do Meu furor os consumi; fiz cair-lhes sôbre a cabeça o castigo do seu procedimento, diz o Senhor Deus.” Verso 31.

Estes dois versículos têm grande significação para os pregadores do evangelho no tempo atual. O mundo está agora em idêntica relação para com os juízos divinos como Jerusalém nos dias mencionados em nosso texto. Estamos fazendo nossa mensagem, nossa energia, nosso fervor competir com as necessidades do mundo, e a menos que ocorram em nós algumas modificações, leremos algum dia o relato desta geração perdida em palavras que muito se assemelharão às que foram proferidas no tocante a Jerusalém. O motivo será o mesmo. “Busquei um homem ... mas a ninguém achei!”

“Cólica Teológica”

Raul McGill, colunista de alguns jornais da América do Norte, comentou recentemente certa declaração do Dr. Alberto Outler, professor de teologia numa universidade metodista e que foi um observador oficial no Concílio do Vaticano. Disse o Dr. Outler numa mensagem a ouintes universitários em Dallas: “Ainda estamos ocupados com nossa isométrica verbal, em que se distendem os músculos mas não se vai a parte alguma. O protestantismo encontra-se nas convulsões temporárias de pungente cólica teológica, e isto certamente não é edificante para nossos irmãos católicos romanos vivamente interessados no pensamento protestante. “Faltando-nos uma renovação de autêntica religião evangélica, talvez estejamos mais próximos do fim da era protestante do que pensamos — mas por omissão, não por transfiguração.” — Citado no jornal *Times*, de Seattle, 14 de fevereiro de 1966.

Disse o Sr. McGill: “Se há congregações estéreis que não refletem a presença de um Deus vivo, está Deus morto ou vivo nessa congregação? Pode o homem moderno, que inevitavelmente está envolto pelo casulo secular de sua vida diária, de seu trabalho, de suas entradas e saídas, dizer que sua vida é uma entrega diária a Deus? Ou precisa ele procurar agora alguma outra palavra para explicar a si mesmo?”

“A que se assemelharia uma ‘autêntica religião evangélica’ para nosso tempo? ... Como pode o ‘evangelismo autêntico’ ser adaptado a nossos arrabaldes opulentos e aos corroídos centros de nossas cidades? ... Quem poderá produzir uma forma de religião evangélica que apele às condições atuais?”

Não é Nenhuma Novidade

Que desafio para o Movimento Adventista! Que procura de homens — verdadeiros homens “que não temam chamar o pecado pelo seu nome exato.” “Homens que permaneçam firmes pelo que é reto, ainda que caiam os céus,” e sabendo muito bem que logo terão de fazê-lo, eles transmitirão as boas-novas de salvação antes que seja demasiado tarde.

“A maior necessidade do mundo é a de ho-

mens” — não de novas teorias, nova luz, novos vocabulários ou outra coisa qualquer, mas de homens que possam usar tôdas estas coisas para a glória de Deus; homens que tenham juízo equilibrado, caráter puro, apropriado senso de valôres, reflitam com clareza e sejam pessoas de ação. Precisam ser homens purificados, guiados e controlados pelo Espírito Santo, e devem possuí-Lo em abundância. Pois como o povo ouvirá o evangelho sem tais pregadores?

E eles necessitam ouvi-lo! Temos o dever de apresentar a mensagem de salvação de maneira tão correta, clara e inconfundível que ninguém em parte alguma do mundo deixe de ouvi-la ou compreendê-la por força das circunstâncias. Sendo esta a nossa missão, existe considerável necessidade de usarmos tôdas as nossas aptidões, facilidades, talentos e imaginação para descobrir métodos por meio dos quais possam ser transmitidas as boas-novas.

Há incontáveis sons reclamando a atenção das pessoas hoje em dia; sons musicais — bons e maus; sons da ciência — que são relativamente novos para muitos, mas estão sendo ouvidos; sons da indústria — sempre aumentando de volume e intensidade; sons de violência, ouvidos em tôda parte do mundo. Todos eles, porém, se forem corretamente compreendidos, proclamam a mesma mensagem. Cada um deles reforça e apóia o outro, e todos eles sem qualquer incerteza declaram a existência de Deus, Seu amor para com o homem e a breve volta de Jesus Cristo.

Todos nós precisamos usar os meios à nossa disposição para interpretar devidamente estes sons às almas humanas. Temos de alertá-las no tocante à sua necessidade de rápida preparação para a vinda do Senhor. Compete-nos dar *autoridade, autenticidade, urgência e certeza* à mensagem. Isto deve ser proclamado por homens que *conheçam, creiam, amem e vivam* a mensagem. Esta é a obra do “evangelismo autêntico,” a obra do ministério e a obra de cada cristão.

Autoridade

Nossa autoridade encontra-se na Grande Comissão. Ela provém de nosso Senhor e Mestre. Somos chamados, purificados e comissionados para ir em Seu poder ao mundo todo. Não corremos sem uma mensagem e sem autoridade. Cristo, dá a ordem. Cristo dá a autorização. Cristo dá o poder, e Seu divino Espírito produz os resultados. “Tôda a autoridade Me foi dada no Céu e na Terra. Ide, portanto.”

Autenticidade

Possuímos a verdade divina, inspirada e salvadora. “Santifica-os na verdade; a Tua Pala-

vra é a verdade.” Não precisamos pois pregar especulações, boatos ou teorias. Temos de declarar com tôda a convicção: “Assim diz o Senhor.” Tôda mensagem deve basear-se no “Está escrito.” Com a Palavra de Deus em nosso coração temos suficiente autoridade para enfrentar o desafio do inimigo, e poder para pregar a verdade que converte.

Não devemos ensinar fábulas. Precisamos evitar a especulação. Não usemos pregar discursos insípidos e sem vida. Nossa mensagem são as boas-novas, o evangelho eterno, a derradeira advertência a ser transmitida ao mundo. Esta mensagem é uma verdade segura, autêntica, irrestrita, e devemos apresentá-la em tôda parte, com o coração cheio do amor de Jesus.

Urgência

Não temos tempo a perder. Estamos literalmente numa corrida com o dia do juízo. Estão em atividade forças maldosas. Somos combatidos de todos os lados, mas não devemos hesitar. Detrás da ordem de avanço encontra-se tôda a urgência que nosso tempo limitado nos impôs. Precisamos avançar com poder, mas também devemos avançar apressadamente. Não usemos ser detidos pelas condições mundiais, ou por frouxidão na igreja. As forças do mal estão-se arregimentando para o último grande conflito. O diabo sabe que seu tempo é curto, e aí de nós se deixarmos de percebê-lo também!

Certeza

Nunca fiquemos em dúvida quanto à certeza de nossa mensagem. Estejamos tão seguros a seu respeito que possamos pregá-la com tôda a convicção de nosso coração e espírito plenamente satisfeitos. Qualquer mensagem que não puder ser pregada com essa certeza, não deve ser pregada de maneira alguma. Portanto, estudemos nossa mensagem, examinemos nossa posição, sejamos claros em cada doutrina, e então, com todo o poder que está à nossa disposição, proclamemos êste glorioso evangelho de nosso Senhor com tal entusiasmo que os homens e mulheres em tôda parte possam ouvir a voz de Deus convidando-os a unir-se com Sua igreja, como preparação para a vinda do Salvador.

Não consultemos nossos temores ou os que são temerosos. Não levemos em conta nossas dúvidas ou os que duvidam. Não nos preocupemos com verdades ainda não reveladas completamente. Não esperemos outra coisa a não ser a experiência que devemos buscar de todo o coração, a qual abrirá o caminho para repousar sôbre nós o poder do Espírito Santo e impelir-nos a uma poderosa cruzada para Deus. Usemos todos os métodos, idéias e pontos de apro-

ximação que estiverem ao nosso alcance; saiam na força do Senhor, e Deus abrirá em toda parte corações e portas de oportunidade para a rápida conclusão de Sua poderosa obra na Terra.

“Restitui-me a alegria da Tua salvação, e sustenta-me com um espírito voluntário. Então ensinarei aos transgressores os Teus caminhos,

e os pecadores se converterão a Ti.” Sal. 51: 12 e 13.

Este é o tempo para “evangelismo autêntico.” Esta é nossa oportunidade para fazer ouvir nossas vozes com as boas-novas da graça redentora. “Busquei . . . um homem.” Oxalá que pela graça de Deus cada um de nós seja esse homem! Pois “como ouvirão, se não há quem pregue?”

Espadas Compridas e Curtas

MARIA GREEN

— **A**H! minha irmã! — exclamou F. H. Yost, já falecido, mas que então era secretário associado do Departamento de Liberdade Religiosa da Associação Geral. — Muitas vezes tenho tido inveja de vocês obreiras bíblicas. Nós, do púlpito, possuímos a espada comprida, mas vocês têm a espada curta. Podem chegar mais perto das pessoas.

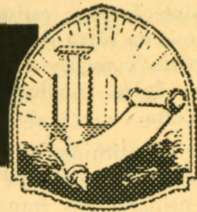
Isto ocorreu há muito tempo, mas tenho refletido bastante sobre esta observação, e estou certa de que existe um momento apropriado para brandir apenas a espada comprida, e outro para empunhar a espada curta. Tenho ouvido e observado muitos ministros, e algumas vezes vi essa espada curta ser manejada poderosamente do púlpito. Isto me causou o anelo de vê-lo com mais frequência.

Durante uma série de reuniões tenho ouvido diversos assuntos apresentados de maneira enérgica, brilhante e lógica — o jeitoso brandir da espada comprida — e tenho orado: “Senhor, ajuda o orador a chegar mais perto das pessoas.” Mas amiúde ele enxuga a ponta da espada (pois tocou de leve a superfície) e torna a colocá-la na bainha. É encerrada a reunião, e a Sra. Brown exclama para mim ao sair: “Não foi *maravilhoso*? Como ele tornou claro o assunto de hoje à noite!” Mas se eu lhe colocar a mão sobre o braço e disser: “Tem razão, Sra. Brown, mas que pretende fazer a esse respeito?” ela arregalará os olhos de surpresa e perguntará: “Quem? *Eu*?”

Se tão-somente nossos ministros e evangelistas compreendessem que as pessoas que os ouvem noite após noite e semana após semana encaram-nos sob uma luz especial. Elas creem, prezados irmãos, que possuíis grande sabedoria. Vossa dedicação lhes infunde respeito. Admiram muitíssimo a vós, e guardam como tesouro as palavras pessoais que proferis para elas. Aprendi isto ao visitá-las. Poderíeis obter imensuráveis resultados do púlpito e conseguir decisões duradouras, se após haverdes apresentado com simplicidade e beleza algum ponto muito essencial da verdade — que requer autêntica decisão — vos debruçásseis sobre o púlpito e deixásseis passar alguns segundos de silêncio, até cada indivíduo no recinto ter certeza de que estais olhando apenas para ele. Exaltai então a Jesus diante deles e pegai aquela espada curta, mergulhada em vosso amor, e com a mão dirigida por Aquêle que tem os sinais dos cravos, fincai-a profundamente em cada coração. Ao falar, *torcei-a um pouco*. Por favor, tomai tempo para esta calma conversação até que cada coração solte o brado: “Que devo fazer?” Despedi-os neste tom tranqüilo e muito sério, com o convite de que as pessoas que desejarem falar convosco permaneçam ainda um pouco mais no recinto. E desta vez a Sra. Brown, com lágrimas cintilando nas faces, dirá para mim em voz baixa: “Oh! Sra. Green, ele falou diretamente para mim hoje à noite. Irei contar-lhe agora que desejo seguir toda a verdade!”

Nunca olvidemos que a lógica pode convencer o cérebro, mas somente a exaltação de Cristo conquistará o coração.

Não podemos ser demasiado diligentes. . . . Se houve jamais uma crise, essa crise é justamente agora.” — *Test. Seletos*, Vol. 2, pág. 371.



O Mérito da Poesia em Nossa Obra

LUIZ WALDVOGEL

— **A**MIGO, você podia recitar, em nossa reunião dos MV, aquela poesia que recita tão bem . . .

— Não, Luís, desde que fui ordenado ao ministério, não tenho recitado mais, porque . . .

— Por quê?! interrompi, não podendo conter a estranheza.

— Porque me disseram que não fica bem a um ministro declamar . . .

Não me lembro da continuação do diálogo, antigo de muitos anos. Mas minha estranheza continua. O incidente, pareceu-me, indicava a idéia nutrida por alguns, de ser a Poesia incompatível com as coisas sérias da vida, e o termo *poeta* sinônimo de ingênuo, simplório, visionário, trânsfuga das realidades da vida.

Penso que, daquele tempo para cá, nosso ambiente e opiniões evoluíram e melhoraram um pouco, não há dúvida. Um pouco, sim! Há margem, em nossas atividades evangelísticas e missionárias em geral, para um maior emprêgo de versos bons, vazados em motivos nobres, edificantes, espirituais. Como desprezar a Poesia, se é ela mais antiga que a prosa, sendo, como disse alguém, “a língua-mãe da raça humana”?

Por outro lado, é certo que nem sempre temos sido bastante cuidadosos na escolha de produções poéticas para nossas reuniões MV e outras. Declamam-se às vezes poemas longos demais, freqüentemente repassados de exagerado sentimentalismo. E, o que é pior, ouvem-se declamados outros que, embora de poetas tidos como luminares de primeira grandeza, encerram veladamente idéias malsãs. Assim, por exemplo, “Caridade e Justiça,” de Guerra Junqueiro, que termina com versos sutilmente sacrílegos, blasfemos. Produções semelhantes não recomendam nosso bom gosto artístico nem nosso discernimento espiritual.

Mas, a poesia de alto padrão moral e espiritual, a par da forma perfeita, mereceria entre nós maior destaque do que lhe temos dado. Seria uma bênção seu emprêgo mais vasto em nos-

sos sermões, séries de conferências, reuniões dos MV, de Pais e Mestres, Dorcas etc.

Certo, deve o pastor, no preparo de sermões, não esquecer o recurso dos bons versos. Note-mos, por exemplo, o ótimo efeito alcançado se, num sermão sobre os sofrimentos de Cristo, é lida ou declamada uma poesia alusiva ao assunto. Observemos a atenção e silêncio dos ouvintes, compungidos, olhos úmidos. Vejamos como em meio a uma conferência sobre tema complexo e difícil, a leitura de uns versos apropriados alivia a tensão, tanto do orador como dos ouvintes, dispondo ambos para a retomada do assunto menos interessante.

Talvez o fato de ser poeta o atual presidente da Associação Geral, Pastor Roberto H. Pierson, venha contribuir para uma revisão geral da atitude nossa para com a arte poética.

Ellen G. White, em *Educação*, págs. 159 e seguintes, tem longo capítulo sobre “Poesia e Cântico.” “As mais antigas, bem como as mais sublimes expressões poéticas que se conhecem, encontram-se nas Escrituras,” diz ela.

Com efeito, a Bíblia respira em grande parte um espírito altamente poético, às vezes mesmo romântico, lírico e idílico. Tiremos dela a poesia, e perderemos monumentos literários, morais, filosóficos e espirituais como Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cantares, Lamentações de Jeremias — a não falar em boa porção do Pentateuco, de Isaías, Jeremias, dos profetas menores, dos Evangelhos — e que perda sofreríamos! Sim, as próprias palavras de Jesus respiram suave e encantador lirismo poético. Que é o Sermão da Montanha, senão um poema em prosa? Não há muita poesia no Pai Nosso, nas parábolas, e mesmo nos símiles que emprega em Seu sermão profético?

Na antiga literatura hebraica, a quem, afinal, devemos, depois de Deus, a dádiva da Escritura, tinha lugar preponderante a Poesia. Assim, não podia esta deixar de estar presente na Bíblia.

A base da poesia hebraica é o paralelismo,

que alguém comparou ao fluxo e refluxo da maré. Definiu-a um autor alemão como "o arfar e desfalecer do coração conturbado." Há nela algo que transcende a nacionalidade. Parece ser inata ao coração humano. (SDA Bible Commentary, Vol. III, pág. 622.)

É o paralelismo "certa correspondência ou simetria entre duas coisas. Desenvolvimento ou evolução no mesmo sentido" (Séguier). "Estilo poético que consiste na divisão do pensamento segundo certo ritmo, em membros de frases paralelas e emparelhadas" (Aulete). É, enfim, a repetição do mesmo pensamento em duas breves sentenças, às vezes bem parecidas, e pode ser sinonímico, antitético etc.

Vejamos um exemplo de paralelismo sinonímico já em Gên. 4:23 e 24:

Ada e Zilá, ouvi a minha voz;
Vós, mulheres de Lameque, escutai o meu [dito];
Porque eu matei um varão por me ferir,
E um mancebo por me pisar.

Alguns outros exemplos:

De Aser, o seu pão será abundante,
E êle dará delícias reais. (Gên. 49:20.)

O que eu temia me veio,
E o que receava me aconteceu. (Jó 3:25.)

Cordéis de morte me cercaram,
E torrentes de impiedade me assombraram.

Cordas do inferno me cingiram,
Laços de morte me surpreenderam. (Sal. [18:4 e 5].)

Os preceitos do Senhor são retos, e alegram [o coração];
O mandamento do Senhor é puro, e alumia [os olhos. (Sal. 19:8.)]

Não me rejeites no tempo da velhice;
Não me desampares, quando se fôr acabando [do a minha fôrça. (Sal. 71:9.)]

Paralelismo antitético é aquêle que, como o adjetivo indica, encerra uma antítese ("figura de retórica que exprime uma oposição de idéias ou de palavras.") Por isso mesmo, a segunda frase começa com conjunção adversativa. Exemplos:

Assim, ó Senhor, pereçam todos os Teus [inimigos!]
Porém os que O amam sejam como o Sol [quando sai na sua fôrça. (Jos. 5:31.)]

O Senhor conhece o caminho dos justos,
Mas o caminho dos ímpios perderá. (Sal. [1:6.]

Uns confiam em carros e outros em cavalos,
Mas nós faremos menção do nome do Senhor [nhor nosso Deus. (Sal. 20:7.)]

Scu como um prodígio para muitos,
Mas Tu és o meu refúgio forte. (Sal. [71:7.]

Notemos a beleza poética de capítulos inteiros de paralelismos, como por exemplo os caps. 38, 40 e 41 de Jó; muitos Salmos, entre os quais o 136, boa parte do 119 etc.; muitos Provérbios, como os caps. 10, 11, 12 etc. Com efeito, Jó, Salmos e Provérbios são ricos em paralelismos.

Há Salmos com estribilho: 42, 43, 46, 57 e 67.

Há acrósticos: Sal. 37 e 119; Prov. 31:10-31.

"Homero," diz Addison, citado por Eckman (*The Literary Primacy of the Bible*), "tem inúmeros arremessos que Vergílio não foi capaz de alcançar; e no Velho Testamento encontramos passagens mais elevadas e sublimes do que qualquer trecho de Homero" . . . "Depois de compulsar o livro dos Salmos, leia um juiz das belezas da poesia uma tradução literal de Homero ou Píndaro, e encontrará nestes dois uma absurdidade e confusão de estilo, com pobreza tão grande de imaginação, que o convencerão da vasta superioridade do estilo da Escritura."

O mesmo Eckman, depois de acentuar o conteúdo poético do cântico de Moisés (Deut. 32); de trechos de Samuel, Davi e Habacuque; do lamento de Davi pela morte de Saul e Jônatas (II Sam. 1:19; 27); da ode de Débora (Juí. 5) etc., destaca ainda: Os oráculos de Balaão, em Núm. 23 e 24; o cântico de Moisés e Miriã, em Êxo. 15; a profecia de Jacó acêrca de seus filhos, em Gên. 49; a bênção de Moisés, em Deut. 33; o hino de ação de graças de Ana, em I Sam. 2; o cântico de louvor de Davi, em II Sam. 22; seu canto de cisne, no cap. seguinte; o salmo de ação de graças, em I Crôn. 16. Cita ainda o autor muitos fragmentos e poemas menores, como a comovedora bênção sacerdotal de Núm. 6:24-26 e outros.

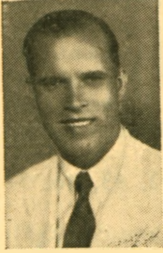
Gladstone sentia nos Salmos "tôda a música do coração humano, quando tocado pela mão de seu Criador." Calvino chamava aos Salmos "a anatomia de tôdas as partes da alma." "Quando as filosofias de Aristóteles e Platão não mais forem lidas," disse o Rabino Levi, "os Salmos de Davi serão ainda cantados jubilosamente." Observava Rowland Prothero que "com um Salmo nos lábios morreram Wicliffe, Huss e Jerônimo de Praga, Lutero e Melancton. Filósofos, como Bacon e Locke e Hamilton; homens de ciência, como Humboldt e Romanes; entre os missionários, Xavier, Martyn, Duff, Livingstone, Mackay e Hannington; exploradores, como Colom-

(Continua na pág. 20)

Em Defesa dos "Outros Instrumentos"

RENATO EMIR OBERG

Departamental MV e de Educação da União Este-Brasileira



JÁ ouvi muitas vezes contarem a história de alguém que, numa orquestra, olhava sempre para o primeiro violino, e o seu alvo na vida passou a ser o de ocupar exatamente aquele lugar. Tudo fez para consegui-lo: esmerou-se, esforçou-se, deixou de lado todos os outros interesses e prazeres, enfim, fez tudo quanto pôde, inclusive no aspecto humano e social, até que num dia, o mais feliz da sua vida, êle foi apontado para ser o primeiro violino da grande orquestra sinfônica, orgulho seu e de sua terra.

Embora nunca tenha sabido o nome dêste alguém, a história me impressionava tôda vez que a ouvia. Por algum tempo cheguei mesmo a pensar, naqueles meus bons anos juvenis, de que a função de importância, a única que merecia a pena ser vivida nas emoções da grande sinfonia da vida, era a de um "primeiro violino." A história era contada com êste propósito e estava alcançando o seu objetivo. Os anos, porém, se passaram, e com êles veio a oportunidade de ouvir, encantado, grandes orquestras sinfônicas. Foi no enlêvo desta música, na delícia provocada pela harmonia de tantos instrumentos diferentes uns dos outros na forma, no aspecto, no som e na própria melodia, que me lembrei da velha história do "primeiro violino." Como São Paulo dizia aos coríntios, faz dezenove séculos: "Se todo o corpo fôsse ôlho . . .," comecei eu a dizer para mim mesmo: "E . . . se todos fôsem 'primeiros violinos?'" Pobre da orquestra, perderia seu valor, sua beleza e todo o seu encanto!

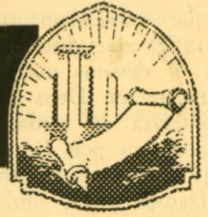
Juntei a esta história a do maestro que, num ensaio, parou a orquestra tôda por não ouvir o som do flautim ou do triângulo. Para ouvirdos de mestre, a harmonia não estava completa sem as notas daqueles pequenos instrumentos, e êles ali tinham que estar para completar o conjunto. Era o triunfo do pequeno instrumento tão desprezado pelos que contavam a história do "primeiro violino."

E eu continuei pensando: Assim é a vida, uma grande orquestra cujo Organizador quer vê-la executando as mais admiráveis peças do Seu grande repertório. E, na vida há tanta desafinação, tanto desacerto, tanta guerra, tanta luta, tanta falta de harmonia, porque não são poucos os que acham que só podem tocar "aquê-

le" instrumento que, no tom da velha história, é o mais aplaudido. Querem ocupar aquele cargo porque a sociedade, o grupo em que vivem, o considera como o mais importante, como o "primeiro violino." Isto é o cúmulo de uma loucura que só prejudica, que só desafina, que só desarmoniza! É por isto que, neste mundo, com gente pensando desta forma, pode haver tudo, menos a beleza de uma sinfonia ou a arte de um conjunto orquestral. Graças a Deus, porém, há os que não pensam desta forma, e ainda existem os que amam "outros instrumentos," os que se deleitam com outras melodias e cultivam outros sons harmoniosos que, isoladamente ou no conjunto, enchem ainda mais os acordes da vida, procurando dar-lhe as côres artísticas de uma grande sinfonia. E isto é ainda o que de mais belo e de mais admirável há neste mundo de desacertos.

E foi assim que fui chegando a esta conclusão, para mim tão sábia quão importante: O que vale a pena não é ser o "primeiro violino," mas sim ser o bom músico no instrumento que se tocar, no instrumento que se amar. Mal executado, instrumento algum encontrará lugar numa boa orquestra e, da mesma forma, mal vivida, vida alguma encontrará lugar na "orquestra" que Deus está organizando para o Seu reino. O alvo para nós mais importante não é o de ocupar "aquele" lugar, idéia em nós enraizada por causa do valor que outros acertada ou desacertadamente deram a êle neste mundo de porfias e inglórias lutas, mas sim o de executar o "meu" instrumento com tôdas as forças de minha inteligência, com tôda a perícia de uma cultura que Deus pôs à minha disposição, com todo o amor de um coração genuinamente cristão, e executá-lo nas oportunidades que se me apresentarem ou, em outras palavras, no lugar onde Deus me colocar.

A verdadeira filosofia de uma vida, sua grande utilidade, consiste, pois, não em ser "o primeiro," mas em descobrir o "meu" instrumento, o dom que Deus me deu, aquilo que eu posso fazer com gosto, com amor, e de todo o coração. A recompensa será tríplice: sentirei a minha alegria, a alegria dos que me cercam e terei a certeza de que estou integrando a grande "sinfônica" celestial. É por isto que muitos "primeiros" serão os derradeiros e muitos "derradeiros" serão os primeiros, porque Deus não julga como julgam os homens, mas julga o coração!



Daniel 8:14 e a Purificação do Santuário - III

W. E. READ



DIVERSAS vezes nesta série de artigos salientamos que a Versão dos Setenta emprega a palavra *katharizo* como tradução de *tsadaq* em Daniel 8:14. Isto tem sido indubitavelmente um dos pontos mais fortes.

Esta tradução de *tsadaq* por *katharizo*, na Versão dos Setenta, é entretanto quase tão isolada como o vocábulo "purificado" na Versão do Rei Tiago (King James Version) ou na de Almeida. Foi a única vez em que eles verteram assim a forma verbal do vocábulo hebraico *tsadaq*. Além disso, grande número de sábios bíblicos e outras pessoas mais não têm considerado muito segura a Versão dos Setenta. Julgava-se que havia muitas interpretações e supressões, bem como considerável quantidade de traduções inexatas e descuidadas, segundo afirmavam alguns.

Seu parecer neste sentido foi motivado em grande parte pelo fato de o texto da Versão dos Setenta diferir do texto massorético, de que foi traduzido o Antigo Testamento em nossas Bíblias. Entre outras, uma passagem citada no Novo Testamento que induziu os tradutores bíblicos a nutrir essas dúvidas, foi Hebreus 1:6. Lemos ali: "Ao introduzir o Primogênito no mundo, diz [Deus]: E todos os anjos de Deus O adorem." Este texto, assim como outros neste capítulo, é citado pelo autor do livro de Hebreus para realçar a divindade de nosso Senhor. Percebe-se que é algo que Deus disse, e tira-se a conclusão de que isto procedia do Antigo Testamento, da mesma maneira que as outras referências bíblicas citadas pelo autor. Algumas anotações marginais chamam a atenção dos leitores para Deuterônimo 32:43, mas aquela expressão não se encontra ali, nem em qualquer outra parte do texto massorético. Ela aparece, porém, na Versão dos Setenta, e por isso muitos eruditos achavam razoável afirmar que houve interpolações. Como é óbvio, esta aparente cer-

teza baseava-se na suposição de que o texto massorético fôsse talvez o único texto hebraico antigo das Escrituras Sagradas.

Isto mudou agora, e podemos agradecer a Deus pelas descobertas nas cavernas de Qumran. Elas revelaram muitas coisas interessantes. Uma delas diz respeito àquela passagem citada no livro de Hebreus. Escreve F. F. Bruce, referindo-se a Hebreus 1:6:

"Mas o texto da Versão dos Setenta [traz esta passagem]. — Ela se baseava num original hebraico, como agora se tornou claro pela descoberta de uma cópia deste capítulo de Deuterônimo na quarta caverna de Qumran, apresentando um texto hebraico que corresponde exatamente à Versão dos Setenta."¹

Declara êle ainda mais:

"A medida que foram estudados os manuscritos de Qumran, tornou-se possível distinguir três principais tipos de texto entre êles. Um é o antecessor do texto consonantal que constituía a base da obra editorial dos massoretas. Outro é o tipo de texto que deve ter sido usado pelos homens que produziram a tradução grega chamada comumente de Versão dos Setenta. . . . E o terceiro tipo, que se restringe aos primeiros cinco livros do Antigo Testamento, está intimamente relacionado com o Pentateuco Samaritano."²

Então êle faz esta pergunta:

"Que valor tem para nós a Versão dos Setenta? . . . Ela representa um texto hebraico básico, mil anos mais antigo do que nossos manuscritos massoréticos."³

Êste testemunho é confirmado por Guilherme F. Albright:

"Sabemos agora que nos fragmentos . . . do Pentateuco e dos profetas antigos . . . as traduções gregas foram quase servis em seu literalismo. . . . Quando deparamos com trechos preservados na Versão dos Setenta . . . mas que não aparecem no texto massorético, . . . podemos estar razoavelmente certos de que não são acréscimos gregos internos ou adulterações, mas

que retrocedem a uma revisão hebraica mais antiga que diferia do texto massorético.”⁴

É deveras notável quão silenciosa e desafortunadamente Deus está confirmando Sua própria Palavra de verdade. À luz desta descoberta, podemos pois ficar mais satisfeitos com o que os tradutores da Versão dos Setenta fizeram em Daniel 8:14, onde verteram por *katharizo* — “purificado” — o vocábulo hebraico *tsadaq*.

Estudaremos agora alguns outros aspectos importantes desta questão, pois pode haver um motivo fundamental para os tradutores da Versão dos Setenta procederem daquela maneira.

1. A Formação Aramaica dos Tradutores da Versão dos Setenta

Importantíssimo princípio na interpretação bíblica foi expresso por um sábio hebreu:

“No hebraico, como em tôdas as línguas, uma palavra pode ter diversos significados em contextos diferentes, mas nem sempre se tem reconhecido isto. . . .

“Os tradutores do Antigo Testamento . . . tiveram . . . uma tarefa intrincada e difícil [com] os numerosos itens de vocabulário e sintaxe tanto no inglês como no hebraico . . . que precisavam conservar em mente para assegurar-se de estar interpretando cuidadosamente o original.”⁵

Isto é vital, e seu significado será evidente ao estudarmos a formação lingüística daqueles sábios judeus que traduziram a Versão dos Setenta.

Sabemos que deviam estar bem versados tanto no hebraico como no grego, mas nem sempre é lembrado que eles possuíam também vigorosa formação aramaica.

Quando Israel foi levado para o cativeiro, em 605 A. C., eles naturalmente misturaram-se com o povo de Babilônia. Na região em que se estabeleceram, o aramaico era evidentemente o idioma usual. Eles o adotaram, e em verdade, quando regressaram do cativeiro, havia quase uma nova geração e tinham a bem dizer esquecido o hebraico. Pouco depois, ao estarem diante de Neemias, eles não podiam entender os rolos hebraicos que eram lidos; tudo precisava ser traduzido para o aramaico. Pode-se ver isto em Neemias 8:8: “Liam no livro da lei de Deus, com um intérprete que traduzia o sentido.” — Versão inglesa de Fenton.

Isto é mencionado muitas vezes nos escritos judaicos.⁶ A tradução feita naquele tempo chamava-se Targum, que é realmente uma tradução interpretativa. Lemos na *Jewish Encyclopedia* (Enciclopédia Judaica):

“Targum: A tradução aramaica da Bíblia. Ela faz parte da tradicional literatura judaica, e seu início é tão antigo como a época do segundo Templo. . . . O uso do vocábulo “Tar-

gum” restringia-se propriamente à versão aramaica da Bíblia. . . . A leitura do texto bíblico junto com o Targum, na presença da congregação reunida para o culto público, era uma instituição antiga.”⁷

Visto que o aramaico se tornou a língua comum de Israel durante o cativeiro, e visto que a Versão dos Setenta data mais ou menos três séculos após a volta do exílio, pode-se notar facilmente que os dirigentes judeus a quem foi confiada a importante tarefa de traduzir as Escrituras Sagradas para o grego conheciam aramaico, mesmo antes de conhecer hebraico ou grego — com efeito, era sua língua materna. Este fato influiu sem dúvida sobre a tradução de *tsadaq* por “purificado” em Daniel 8:14. É o que consideraremos a seguir.

2. O Sinônimo de *Tsadaq* em Aramaico

Nos Targuns aramaicos, *tsadaq* com frequência é traduzido por *zakah*. Estas palavras são evidentemente usadas como sinônimas em muitos casos. *Tsadaq*,⁸ como já vimos, significa principalmente “justificar,” “tornar justo.” Outros significados desta palavra são: “legítimo” (Isa. 49:24); “fiel” (Jó 31:6); “purificado” (Dan. 8:14). *Zakah*⁹ tem o sentido primordial de “limpar,” “purificar,” e o sentido secundário de “justificar,” “tornar justo.”

Isto será ilustrado pelos seguintes exemplos: Jó 4:17: “Seria o homem mortal mais justo do que Deus?” Texto hebraico — *tsadaq*; texto aramaico — *zakah*.

Salmo 36:10: “Estende a . . . Tua justiça sobre os retos de coração.” Texto hebraico — *tsedaqah*; texto aramaico — *zakah*.

Salmo 51:4: “Para que sejas justificado quando falares.” Texto hebraico — *tsadaq*; texto aramaico — *zakah*.

Isaías 61:10: “[Deus] me cobriu com o manto de justiça.” Texto hebraico — *tsedaqah*; texto aramaico — *zakah*.

Salmo 119:137: “Justo és, ó Senhor.” Texto hebraico — *tsaddiq*; texto aramaico — *zakah*.

3. O Uso de *Zakah* em Lugar de *Tsadaq* nos Targuns

A palavra hebraica *tsadaq*, em suas diversas formas, é usada 517 vezes na Bíblia hebraica, mas conseguimos examinar apenas 504 delas, pois 13 encontram-se nos livros de Daniel, Esdras e Neemias, de que não existem Targuns. Verificamos que nestes 504 casos, os tradutores dos Targuns substituíram *tsadaq* 209 vezes por *zakah* etc., da maneira seguinte:

No Pentateuco	25 vezes
De Josué a Crônicas	21 ”
De Jó a Provérbios	25 ”
Nos Salmos	25 ”
Em Isaías	47 ”

Em Jeremias e Ezequiel	45 "
Em Eclesiastes, Lamentações e nos Profetas Menores	21 "
Total	209 10

Isto é mais de 40 por cento, e pode-se ver que *zakah* aplicava-se à justiça de Deus, e também à justiça que Ele imputa e comunica a Seus filhos crentes — além de outros aspectos, como purificar e limpar. *Zakah* aparece tanto nos textos hebraicos como aramaicos do Salmo 73:13, e é traduzido por “purificado” na Versão de Almeida. Também é usado nesses textos, para pureza de doutrina em Jó 11:4.

Sendo que estes tradutores usaram aquela palavra aramaica para tal amplitude de conceitos, seria estranho e incomum que eles empregassem *zakah* em Daniel 8:14, se existisse um Targum desta passagem? Parece que os tradutores da Versão dos Setenta julgaram tê-lo feito, usando a palavra *katharizo* — um sinônimo quase perfeito para *zakah*. Pode-se dizer que isto é uma suposição; mas, em vista dos pontos mencionados acima, é bem provável.

4. A Palavra Purificar da Maneira Como é Usada na Bíblia em Relação com o Santuário

Há 39 referências ao conceito de purificar em relação com o santuário e o templo, nos tempos antigos. Embora tivessem sido empregadas diversas palavras hebraicas no texto massorético e na Versão dos Setenta, nos 33 exemplos que pudemos examinar, o termo usado nos Targuns era *zakah*. E isto inclui o uso da palavra em aspectos relacionados com a purificação dos sacerdotes, do povo, do altar, do tabernáculo e dos vasos do ministério. A palavra “purificar” aparece três vezes em Levítico 16, nos versos 19 e 30. Em todos esses casos é usada a palavra hebraica *taher*; nos Targuns, o termo empregado é *zakah*. Será que isto não indica novamente o que teriam feito os tradutores se existisse um Targum¹¹ do livro de Daniel, visto que o versículo 14 também trata do santuário?

5. O Emprêgo da Forma Verbal *Tsadaq*

Admite-se que a forma verbal *tsadaq* tem sentido mais restrito do que as formas adjetivas ou substantivas, e este fato merece ser examinado, especialmente porque em Daniel 8:14 é usada a forma verbal.

Tsadaq, como verbo, ocorre mais ou menos 40 vezes. Num caso (Sal. 82:3) os Targuns trazem *tsadaq*; em dois outros (Jó 9:2; II Sam. 15:4) o aramaico traz *qoshet*; mas em 35 dos 40 exemplos o vocábulo empregado é *zakah*. Não constitui isto uma indicação adicional do

que teria sido feito se houvesse um Targum do livro de Daniel?

Perguntamos ainda mais:

6. Existe um Targum do Livro de Daniel?

É verdade que não existe Targum do livro de Daniel, por parte de Onkelos ou por Jonathan ben Uzziel, e admite-se em geral que devemos restringir o significado da palavra aos Targuns traduzidos nos tempos mais remotos. No entanto, ela tem sido usada mais livremente em anos posteriores e é aplicada em geral por alguns a qualquer tradução interpretativa, no idioma árabe, persa ou turco. Nos primeiros séculos abundante literatura judaica, além das Escrituras Sagradas, foi traduzida para estas línguas. Existem diversos destes manuscritos, que podem ser vistos nalgumas bibliotecas grandes, como na biblioteca do Museu Britânico. Dois deles contêm o livro completo de Daniel, traduzido para o árabe, mas escrito em caracteres hebraicos. São os números 1476 e 2377.

O que o autor ou os autores fizeram foi citar o texto hebraico, e acrescentar-lhe uma paráfrase ou Targum. Nos clichês destas páginas estão sublinhadas as palavras “o santuário será purificado.” O texto hebraico é exatamente como nosso texto massorético: *tsadaq qodesh*; mas o outro texto é *zakah qodesh*. Estas versões foram feitas por um iemenita, mais ou menos no

נהו מהב לגנוב ומשערך ולשאב אעני אשהו ותברך עד גבא
השמים והפר ארצה מן העצבא ומן הכובבים והדמוסו: ותם
עלה לי גנוס לנכמא חתי יאוק עת ערל שארץ מן גנוסו וכמאכב
וראסהו: ויער שרת עצבא הגדול וממנו הרים התמיד והשולך
מכון מדרשו: והי דייס גנוסם עולת חתי רפע מנה לטי אריהים
ונרח מהייא מקדסה: ונצבא תתן על התמיד בעשע ותשולך
אמת אריתה ועשהה הגדולה: ורעית גנוסם בסבב לטי אריהים
פי גוש אנהא קר טרחת לחץ לי שארץ פעמולת עמולה ואנמות
() עזאגרהא: וראש מענה אחר קראש מברך ויאמל אחר קראש
לפולמוי המדבר עד עת מתי החזון התמיד והעשע שומם הת קודש
ונבא מדימוס: וים שמעת צות ויחודה מן אמלויכה יתברכסו
מלך אכזר לפולמוי אמתברכס לי מתי לרייה לטי אים ולגבא אומה
תגער ולקדם וגישה רוסא: ויאמר חל ער ערב בחר ארלסו ושלש
מאות ונצרך קודש: פקא לי לי שופי ותלחת מאיה ליל וסחאר זמן
לקדם ויפול: ויהי בר חות מיני רינאו יתחזקאן ויתפץ שיה ביינה
והנה עמד לנגדי במר איה גבר: קלמי רשותי מכאורני הדי לרומא
נלבת אן אפתהס פארי בשכץ קודים חרתי במנלר רגל אשעג
הול ראסם בן אמרי ויבא ויאמר גבריאל בן: ולתיד אפתמאיה

Manuscrito n.º 2377. Versão árabe de Daniel, em caracteres hebraicos, feita por um iemenita do 14.º século A.D. A passagem considerada neste estudo está sublinhada nas linhas 14 e 15. (Gentileza da Biblioteca do Museu Britânico.)

והזרחה ווענט אנגום בחסב לשי אדום פי גר באניא טוחג
אחק לא לארץ פעמלתא עמלחא ואנבחת פיה עמגרהא ואנעמיה
אחד קדוש מדבר ויאמר איהו קדוש רפ למוע הדבדר ער
מלך החזק התמוד והפעש עמום תת וקדש ויעצא מר מוס
תם סמעת ואחיא מן זמלאיבה יתכרם סא מלך אחד ללואי
זמתכסא מתי לזויא לרואים ורעב האחשה הגעל וקדש
וגישה דוסא ויאמר איי ער ערבבדור ארפים ומלע מאות
ומעדס קדש פקא לוי אל אפיז ותלאת ממייה ליל ונהאר זמן
אחדס וימלג יהודי בראתי אנג רמאל את החזק ואפשה פמו
התע עמד לרמי במראה גברי מלפני ראות אנג דשאה לזוי
טובת אנג את פים פאדי בשפאן קאים הדיא במנבר רבר
ואטמע קול ארס בני אולי ויקרא ויאמר בכר יאל רבן רחמי
את המראה תם סמעת פאדי בענת אנכאן פגאה אנהר
פעצוא פאן קא ברמלאמהם דרף תפסיר לזויא פמנה יא וקת
לאמר ויבא אצל עמדי תכאון רעעתי ואפלה ערפעי ויאמר
אלי רבן פג ארס כי לעת קש החזקן פמא ענד מוקמי ומנע
מביה הזני מוקעת ער ובהי פקא לי אפיהס אאכן ארס

1. F. F. Bruce, *The Books and Parchments* (Fleming Revell Co., 1964), pág. 154.
2. *Idem*, pág. 123.
3. *Idem*, pág. 156.
4. Citado por Dewey M. Beegle, *God's Word Into English* (Eerdmann's Publishing Co., 1960).
5. T. J. Meek, "Traduzindo o Hebraico," *Journal of Biblical Literature*, Vol. LXXIX, Parte IV, dezembro de 1960, págs. 330-335.
6. Ver os Talmudes: *Moed Katan* 28b; *Sanhedrin* 94b; *Nedarim* 37b; *Rosh Hoshana* 27a; *Berakoth* 9a, b, etc.
7. *Jewish Encyclopedia*, verbete "Targum." (Ver também o *Lexicon in Veteris Testamenti Libros*, de Koehler e Baumgartner.)
8. Guilherme Gesenius, *Hebrew and Chaldean Lexicon*; e também Selig Newman, *Hebrew and English Lexicon*.
9. Ver Selig Newman, *op. cit.*; M. Jastrow, *Dictionary of Targumin, Talmud* etc.; F. Zimmerman, *Journal of Biblical Literature*, Vol. LVII, setembro de 1938, pág. 262.
10. Para uma lista completa dos textos em que *tsadaq* é vertido para *zakah*, ver o artigo intitulado "Observações Adicionais Sôbre *Sadaq*," em *Andrews University Seminary Studies*, Vol. IV, janeiro de 1966, págs. 29-36.
11. Não houve Targum do livro de Daniel devido ao que os judeus chamavam de Voz do Céu — um Bath Kol — proibindo Jonathan ben Uzziel de fazer isto. Quando êle indagou "Por quê?," foi-lhe dito: "Porque nele é predita a data do Messias." — Talmude *Megillah* 3a.
12. Ver *Journal of Biblical Literature*, Vol. LVII, setembro de 1938, pág. 262, para um estudo adicional de *tsadaq*. Também recomendamos ao leitor os capítulos 3, 4 e 8 de *Distinctive Ideas of the O. T.*, por N. H. Snaith (Londres, Epworth Press, 1944); o artigo o "Uso de *Dikaios* na Versão dos Setenta," escrito por N. M. Eaton, no *Journal of Biblical Literature*, Vol. LXXIX, 1960, pág. 256; e "A Justiça Divina nos Escritos de S. Paulo," por J. H. Ropes, no *Journal of Biblical Literature*, Vol. XXII, 1903, pág. 211.

Manuscrito nº 1476. Versão árabe de Daniel, em caracteres hebraicos, feita por um iemenita do 15º. ao 16º. século A.D. A passagem considerada neste estudo está sublinhada nas linhas 8 e 9. (Gentileza do Museu Britânico.)

décimo segundo ao décimo quarto século de nossa era. Este tradutor 'evidentemente refletia não só o pensamento de sua época, mas também de épocas anteriores.¹²

Tornamos a salientar que em vista destes pontos e especialmente destes dois manuscritos, que podem ser chamados de Targuns, é muito provável que se nos tempos antigos fôsse escrito um Targum referente a êste maravilhoso livro profético, êle sem dúvida traria *zakah* em lugar de *tsadaq*, no texto sagrado.

É interessante notar que Frank Zimmerman, em 1938, no seu artigo sôbre Daniel 8:14, afirmou o seguinte:

"Aqui, portanto, a tradução deveria ter sido: 'e o templo será purificado;' por isso, a Versão dos Setenta, sentindo necessidade de semelhante exegese, traduziu: *Kay Katheris thesetai to La'gon* — "e (será) purificado o santuário."

Por conseguinte, sendo que os sábios judeus com sua formação aramaica usaram *zakah* em lugar de *tsadaq* em tão grande número de passagens do Antigo Testamento, podemos compreender melhor por que empregaram *katharizo* para traduzir *tsadaq* em Daniel 8:14.

No quarto e último artigo mostraremos que houve indubitavelmente uma providência divina na escolha de *tsadaq* em Daniel 8:14, e não *taher*, a costumeira palavra hebraica para "purificado."

O Mérito da Poesia em Nossa . . .

(Continuação da pág. 15)

bo; . . . potentados terrestres como Carlos Magno, Vladimir, Hildebrando, Luís IX, Henrique V, Catarina de Médicis, Carlos V, Henrique de Navarra e Maria, da Escócia — encontraram nos Salmos sua inspiração na vida, sua força no perigo, e seu apoio na morte." — *Eckman*, obra citada, págs. 65-70.

Não fica o Nôvo Testamento atrás do Velho, quanto a conteúdo poético. Eckman destaca, entre muitos outros exemplos: A anunciação do anjo a Maria (S. Luc. 1:28-33); a saudação angélica que anunciou o advento de Jesus (2:14); o cântico de Zacarias (1:68-79); o cântico da Virgem Maria (1:46-55) e o de Simão (2:29-32). No sentido mais amplo da poesia, Jesus pode ser classificado entre os poetas, e por certo a ode de Paulo ao amor, em I Cor. 13, e grande parte de sua dissertação sôbre a ressurreição, no cap. 15 da mesma epístola, têm de ser considerados como poesia na essência, embora não na forma. (*Idem.*)

Socorrer-nos da Poesia no preparo e apresentação de nossos sermões é sinal de bom gosto,

(Continua na pág. 24)

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

Antíoco Epifânio e as Especificações Proféticas de Daniel

Pergunta 28

Por que rejeitam os adventistas o ponto de vista tão amplamente defendido de que Antíoco Epifânio cumpre a profecia da “ponta pequena” de Daniel 7 ou 8, ou de ambos os capítulos, com sua supressão dos sacrifícios judaicos entre 167 e 164 A.C., como cumprimento das faças e do período de tempo da “ponta pequena”?

ESTA questão é mais complexa e muito mais fundamental do que possa parecer à primeira vista. Alguns aplicam a Antíoco Epifânio o símbolo da “ponta pequena” de Daniel 7, que se tornou mais “robusta” (verso 20) que qualquer outra das dez pontas; ao passo que outros lhe aplicam a “ponta pequena” de Daniel 8, a qual “se tornou muito forte” (Dan. 8:9 e 10). Outros ainda procuram aplicar a Antíoco as pontas pequenas de ambos os capítulos. Mas estas pontas, como será demonstrado mais adiante, são dois símbolos separados. Não são idênticas e correspondem apenas parcialmente uma com a outra.

Numerosos eruditos bíblicos (tais como Faussett, Auberlen, Zündel, Eberhardt, Hävernick, Hengstenberg, Scofield, Gaebelein e Ironside) advertem que não se deve confundir a “ponta pequena” de Daniel 7 com a “ponta pequena” de Daniel 8. Não obstante, muitos continuam a fazê-lo, envolvendo-se assim em dificuldades irreconciliáveis.

Os que introduzem Antíoco em Daniel 8 não defendem necessariamente a chamada “Teoria Porfírica” de Daniel 7, que torna Antíoco a ponta pequena de um quarto reino “grego.” Também há alguns que, baseados num cumprimento parcial ou preliminar de certos aspectos da profecia, consideram Antíoco um símbolo ou precursor do grande Anticristo perseguidor que séculos mais tarde efetuará o verdadeiro cumprimento. Ademais, tem havido a opinião quase universal de que Antíoco ocupa legítimo lugar

entre a sucessão de reis — Ptolomeus e Selêucidas — a que se faz alusão no capítulo 11, uma profecia literal que abrange o período no qual êle procurou abolir o verdadeiro culto a Deus. Encontrá-lo nesse capítulo, junto com governantes relativamente pouco importantes, não é absolutamente o mesmo que dar-lhe a importância desproporcionada atribuída à interpretação de Antíoco como a ponta pequena de Daniel 7. Cumpre salientar estas diversidades de interpretação, a fim de evitar confusão.

1. PONTOS DE VISTA ACERCA DO QUARTO REINO. — Convém notar que qualquer identificação de Antíoco como a ponta pequena do capítulo 7 depende da identificação do quarto império mundial, do livro de Daniel, com o período macedônico (grego) e não o romano. Os pontos de vista relativos à Grécia e Roma precisam ser elucidados. Através dos séculos, a interpretação da maioria tem sido que Roma é o quarto império mundial de Daniel 2 e 7, e que os pontos proféticos descritos nestes capítulos (bem como nos capítulos 8 e 9) atingem o fim do tempo.

Isto foi ensinado inicialmente por Josefo e outros escritores judeus, e mais tarde por antigos expositores da igreja, como o pseudo-Barnabé, Irineu, Tertuliano, Hipólito, Eusébio, Aphrat, Cirilo, Crisóstomo, Isidoro, Sulpício Severo, Jerônimo e Teodoreto. Constituía virtualmente a opinião universal antes, durante e depois da Reforma. A começar com o século XIII e da época da Reforma em diante, seu ponto princi-

pal era que a ponta pequena de Daniel 7, surgindo dentre as dez divisões de Roma, era o Papado. Roma, em suas formas pagã e (ou) papal, foi igualmente classificada como a “pequena” e mais tarde “muito forte” ponta de Daniel 8, embora isto não seja forçosamente concomitante do ponto de vista romano do quarto reino. (Antíoco e, mais tarde, o maometismo têm sido apresentados no capítulo 8 pelos defensores do ponto de vista referente a Roma.)

O ponto de vista relativo à Grécia foi defendido originalmente por Porfírio e alguns outros, mas é patrocinado na época atual por grande número de exegetas, principalmente da escola modernista. Este sistema atribui o quarto reino de Daniel 2 e 7 ao período grego ou helenístico — isto é, a Alexandre e seus sucessores, ou só aos sucessores até o tempo do império romano, com Antíoco Epifânio, o perseguidor monarca selêucida,* como a “ponta pequena” que surgiu entre os dez chifres do quarto animal de Daniel 7. E muitos, inclusive alguns que declaram ser Roma o quarto império, afirmam que Antíoco constitui a ponta “muito forte” que procedeu de um dos quatro chifres do bode grego mencionado no capítulo 8, ou é pelo menos o símbolo ou precursor dessa ponta.

Esse ponto de vista, de acordo com S. R. Driver, restringe os últimos dias ao “âmbito do escritor” (da profecia de Daniel), e realça a Antíoco Epifânio como “horizonte limitante do livro.” Isto é, tudo no livro de Daniel (inclusive os capítulos 2, 7, 8, 9 e 11) é interpretado como tendo ocorrido *antes da Era Cristã*. Pelo contrário, sob o ponto de vista romano, com Roma, pagã e papal, como o quarto império mundial, as façanhas da “ponta pequena,” seja ela qual for, ocorrem inteiramente *após* o início da dispensação cristã. Por conseguinte, um ponto de vista exclui o outro.

2. ORIGEM NÃO CRISTÃ DA TEORIA GREGA. — A origem da teoria que classifica a Grécia como o quarto reino é atribuída em geral não a um exegeta cristão, mas a um pagão, Porfírio, que morreu por volta de 304 A. D. Foi inventada não para expor, mas para depreciar e repudiar o elemento profético do livro de Daniel — não para confirmar a Bíblia, mas para negar-lhe a veracidade. Em resumo, conforme salientaram muitos sábios (tais como Jerônimo de Antioquia e o Bispo Tomás Newton), ele foi um contra-ataque pagão às incursões de ensinamentos cristãos no mundo pagão — a declarada alegação defensiva e inventada de que o livro de Daniel não foi escrito pelo profeta Daniel no sexto século antes de Cristo, mas por um pseudo-Daniel do segundo século A. C., na época dos Macabeus.** Ele asseverava portanto que o livro de Daniel não era de modo algum

uma profecia, como pretendia ser, mas apenas um relato escrito depois dos acontecimentos. Desafiou pois o direito desse livro à aceitação e propagação cristã. Foi a exatidão do cumprimento histórico que o levou a dizer que esse livro deve ter sido escrito *após* os acontecimentos.

3. AS DUAS FORMAS DO PONTO DE VISTA GREGO. — Há duas formas do ponto de vista grego sobre o quarto reino de Daniel, que concordam apenas a respeito do primeiro reino — Babilônia — e das pontas do quarto, como reis helenísticos, sendo Antíoco Epifânio a ponta pequena. Eis as duas seqüências:

- | | |
|--|--------------------------------|
| 1. Babilônia | 1. Babilônia |
| 2. Pérsia (Medos e Persas) | 2. Média |
| 3. Império de Alexandre (durante o tempo em que ele viveu) | 3. Pérsia |
| 4. Sucessores de Alexandre | 4. Alexandre e seus sucessores |

A primeira forma, que via de regra remonta até Porfírio, foi reavivada por volta do ano 1600, e tem tido adeptos desde então até o presente. A segunda forma, ensinada por Efraim, o Sírio, e alguns outros, só reapareceu no século XVIII, mas hoje é defendida amplamente. (Ver o livro *Darius the Mede and the Four World Empires in the Book of Daniel*, de H. H. Rowley, no tocante a esses pontos de vista e suas numerosas divergências.)

A primeira forma não toma em consideração a unidade do período helenístico. De Alexandre até o domínio de Roma, o mundo helenístico era uma só civilização grego-macedônica oriental, moldada pelo idioma, pensamento e instituições políticas da Grécia, governada pelo macedônios e considerada um só império muito tempo depois da morte de Alexandre, apesar de suas divisões políticas. Declara um historiador:

“Detenhamo-nos para mencionar que o vocábulo ‘rei’ [aplicado a Seleuco] não tem sentido territorial. Estes reis [os sucessores de Alexandre] nunca são denominados oficialmente reis *do Egito* ou reis *da Ásia*. Se são chamados assim pelos historiadores, é unicamente com o objetivo de estabelecer uma distinção conveniente. Ele sugere mais exatamente uma relação pessoal com o povo macedônico. *Teoricamente* houve um só Império Macedônico, assim como na Idade Média houve um só Império Romano. Mas a dignidade do título de rei macedônico foi usada simultânea ou conjuntamente por diversos chefes, assim como o cargo do imperador de

Roma foi exercido simultaneamente pelos soberanos ocidentais e bizantinos. Na prática, porém, cada um dos rivais tinha de reconhecer que os outros eram reis dentro de certa esfera territorial. Mas sua conexão com essa esfera nunca foi tão estreita e essencial como a do rei da Inglaterra ou o rei da França com os seus respectivos territórios. Os Ptolomeus e os Selêucidas foram até o fim reis macedônicos a quem coube reinar no Egito e na Ásia.” — Edwyn Robert Bevan, *The House of Seleucus* (1902), Vol. 1, págs. 57 e 58.

Daniel indica esta unidade representando a “Grécia” por um só animal — o bode com chifres, simbolizando o primeiro rei e seus quatro sucessores. Por isso, os sucessores de Alexandre não constituíam um reino diferente que substituiu seus predecessores pela conquista, como fizeram os outros; eram simplesmente uma continuação e desenvolvimento do domínio de Alexandre. Mas em Daniel 2 e 7 o quarto reino não é uma fase posterior do terceiro; êle é tão distinto como os outros três. O quarto animal não somente é separado, mas “diferente” de seus predecessores. Um quarto reino helenístico não corresponde às especificações. Se o leopardo de quatro cabeças é o império de Alexandre, quem são as quatro cabeças, se não seus quatro sucessores, equivalendo aos quatro chifres do bode do capítulo 8? Esta primeira forma do ponto de vista referente à Grécia força o sentido da História e dos símbolos de Daniel.

A segunda seqüência não oferece melhor solução. Na verdade, o império da Média precedeu o da Pérsia, mas foi conquistado por Ciro alguns anos antes de sua vitória sobre Babilônia. Portanto é historicamente impossível que êle seja o segundo dos quatro reinos e o primeiro depois de Babilônia. No livro de Daniel a Média não é separada do domínio persa. O reino babilônico é substituído pelos “medos e persas” (Dan. 5:28); Dario, o medo, executa a lei dos “medos e dos persas” (Dan. 6:12); o domínio conjunto da “Média e da Pérsia” — simbolizado por um só carneiro — é destruído e substituído pelo bode que representa a Grécia.

Os proponentes mais antigos desta segunda forma de interpretação podiam colocar o governo de Ciro em Babilônia após o reinado de Dario, o medo, por não saberem, como nós sabemos agora, que os registros babilônicos revelavam que o conquistador Ciro governou imediatamente após a tomada da cidade. Os proponentes modernos alegam que a profecia de Daniel foi escrita por um pseudo-Daniel que viveu mais tarde e o qual considerava ignorantemente o reinado de Dario, o medo, como reino

separado e anterior ao império persa. Nós, que aceitamos a Daniel como contemporâneo de Ciro, não podemos deturpar a História nem admitir que Daniel era ignorante. Mas Dario, o medo, é tão histórico quanto Belsazar, depois que seu cargo, pôsto em dúvida durante muito tempo, foi confirmado pelas descobertas arqueológicas ocorridas em 1923. Não existe nada para contestar que Dario reinasse simultaneamente com Ciro durante um ano ou dois (só é mencionado o primeiro ano do seu reinado). Isto seria possível, quer Dario seja considerado como rei subalterno sobre Babilônia ou como rei “nominal” sobre o império, mantendo um título dado por cortesia de Ciro, o verdadeiro dirigente do império. Um império intermediário por parte da Média não somente é contrário à História e desnecessário, mas não corresponde também às especificações proféticas. Que dizer das três costelas na bôca de um urso que represente a Média? Ou as quatro cabeças de um leopardo que represente a Pérsia?

Mais difícil ainda é o quarto reino grego — e o quinto. A interpretação de que Antioco é a ponta pequena, embora seja plausível até certo ponto, falha no final. Sua impropriedade quanto a suas proezas, seu período de tempo e sua relação para com as dez pontas e as três, é outro assunto. Onde se encontra o julgamento e a flamejante destruição resultante de sua blasfêmia? De que maneira foi o domínio da Grécia substituído pelo reino de Deus que devia exterminar os reinos do mundo? Com efeito, os defensores atuais do ponto de vista referente à Grécia citam estas coisas como prova da época posterior do suposto Daniel e de seu equívoco quanto ao futuro. Por outro lado, o ponto de vista referente a Roma harmoniza-se tanto com as especificações proféticas como com a história do Império Romano e sua continuação no domínio político-religioso do Papado. — *Questions on Doctrine*, págs. 317-324.

* O Império Selêucida era a mais oriental das quatro divisões do império de Alexandre. Devido ao fato de que sua capital era Antioquia da Síria, e como em tempos posteriores êle perdeu seu território oriental e recuou para a Síria propriamente dita, também é denominado Império Sírio, ou meramente Síria.

** Declara o Dr. Eduardo J. Young, do Seminário Teológico de Westminster: “Aquêle que afirma ser o livro de Daniel um produto da época dos Macabeus nega com isso que êle é a verdadeira obra profética que pretende ser. Outrossim, se o livro de Daniel provém da época dos Macabeus, não vejo como é possível fugir da conclusão de ser êle uma falsificação, pois alega que é uma revelação de Deus a Daniel, o qual viveu em Babilônia durante o exílio.” — *The Prophecy of Daniel*, pág. 5.

Porfírio desafiou e desacreditou a veracidade e competência do próprio testemunho de Jesus Cristo, que Se referiu a Daniel como o autor do livro profético que lhe leva o nome e reconheceu essa obra como profecia inspirada (S. Mat. 24:15).

Sempre o Melhor ao Seu Alcance

NUMA oficina em Cremona, na Itália, Antônio observava atentamente enquanto o mestre Nicolau Amati entalhava, ajustava e envernizava a madeira que no futuro produziria bela música.

— Nenhum violino sai desta oficina sem a máxima perfeição que eu possa dar-lhe — dizia o artifice para o jovem. — Nunca me envergonho dos instrumentos musicais que levam o nome de Nicolau Amati.

Após diversos anos de aprendizado, Antônio recebeu afinal a autorização para fabricar seu primeiro violino.

— Excelente violino! disse o mestre ao vê-lo depois de pronto.

Agora que começara a gravar o nome nos instrumentos que fabricava, Antônio Stradivarius resolveu colocar nas mãos dos músicos apenas os melhores violinos que pudesse fazer. Passou a ter sua própria oficina, e quando faleceu seu amado instrutor, foram-lhe entregues as ferramentas que êste possuía.

Antônio procurava constantemente aprimorar os instrumentos que confeccionava. Deviam produzir som abundante e melodioso.

Hoje, 250 anos depois, famosos violinistas tocam nesses Stradivarius, perante milhares de pessoas. Embora Antônio recebesse apenas o equivalente a seis cruzeiros novos (NCR\$ 6,00) por instrumento fabricado, atualmente cada um deles vale mais de duzentos mil cruzeiros novos (NCR\$ 200.000,00). — *Escolhido.*



O Mérito da Poesia em Nossa . . .

(Continuação da pág. 20)

inteligência e preocupação espiritual. Mas convirá conhecer pelo menos rudimentos da poética, para ler os versos com a cadência certa, unindo a vogal final com a vogal que comece a palavra seguinte, e observando a devida acentuação métrica. E os versos devem, naturalmente, harmonizar com o assunto tratado. Ganhará êste assim muito em expressão e vivacidade, imprimindo-se mais profunda e duradouramente no espírito e coração dos ouvintes.



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator-responsável — Naor G. Conrado

Colaboradores especiais:

R. A. Wilcox e A. E. Schmidt

Assinatura Anual US \$ 3,00
Número Avulso US \$ 0,50



Ano 34

N.º 1

NESTE NÚMERO

CAPA: O Lema do Novo Ano: Evangelismo!

ORAÇÃO PARA O ANO NOVO 2

O MAIOR DESTES É O EVANGELISMO
Melvin K. Eckenroth 3

EDITORIAL

Métodos Novos Para Uma Nova Jornada
Enoch de Oliveira 4

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

Penetração
N. R. Dower 5

Nossa Tarefa Fundamental
Teodoro Carcich 8

Alcançando as Multidões
Don Gray 9

"Busquei... um Homem"
N. R. Dower 11

Espadas Compridas e Curtas
Maria Green 13

ARTIGOS GERAIS

O Mérito da Poesia em Nossa Obra
Luiz Waldvogel 14

Em Defesa dos "Outros Instrumentos"
Renato Emir Oberg 16

PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA
Daniel 8:14 e a Purificação do Santuário — III
W. E. Read 17

PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA

Antico Epifânio e as Especificações Proféticas de Daniel 21

ILUSTRAÇÕES

O Contágio da Disposição Animosas 7

Fatos Impressionantes 10

Sempre o Melhor ao Seu Alcance 24

